
MULHERES NEGRAS NO CENTRO: Descolonizando o conhecimento a partir de Grada Kilomba em Memórias da Plantação

BLACK WOMEN IN THE CENTER: Decolonizing knowledge from Grada Kilomba in Plantation Memories

MUJERES NEGRAS EN EL CENTRO: Descolonizando el conocimiento de Grada Kilomba en Plantation Memories

FEMMES NOIRES AU CENTRE: Décoloniser les connaissances de Grada Kilomba dans Plantation Memories

Ana Vitória de Sousa Silva

Mestranda em Políticas Públicas na Universidade Federal do Piauí (PPGPP/UFPI) -

anavi300@outlook.com

<https://orcid.org/0000-0001-8409-1293>

Recebido em: 23/05/2023

Aceito para publicação: 02/09/2024

Grada Kilomba é professora universitária, escritora, psicóloga, teórica e artista interdisciplinar portuguesa. Nasceu em Portugal na cidade de Lisboa, onde estudou psicologia e psicanálise. Atualmente ela reside em Berlim, onde leciona em universidades nas áreas de Estudos de Gênero e Pós Coloniais. Kilomba é reconhecida por seus trabalhos refletirem a memória, o trauma, o pós-colonialismo e também as questões raciais e de gênero. Influenciada por autores como, Bell Hooks e Frantz Fanon, propositalmente, a autora cria em seus escritos um espaço de dualidade entre a arte e a academia, o que permite a visibilidade para a construção de um imaginário em seus textos. As obras de Grada Kilomba foram expostas em instituições e museus artísticos internacionais e também na Universidade do Rio de Janeiro. Em São Paulo, na Pinacoteca de São Paulo, um dos principais museus de arte do Brasil, Kilomba teve a primeira exposição de sua obra individual, intitulada *Grada Kilomba: Desobediências poéticas*, na qual propôs uma reflexão crítica acerca do eurocentrismo e da segregação racial presentes na coleção de arte dos séculos XIX e XX do próprio museu paulistano. Suas obras são: *Plantation Memories: Episodios of Evereday Racismo* (2020); *Secrets to Tell* (2017) e *The Most Beautiful Language* (2018) (OLIVEIRA, 2019).

Grada Kilomba (2020) coloca que escreveu *Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano* em Berlim, quando ainda estava no doutorado, ela traz que estar próxima de

correntes teóricas de intelectuais negras como Audre Lorde e Angela Davis, bem como de grupos feministas organizados por mulheres negras, contribuíram muito para o processo de aprendizagem e que sentiu um grande alívio ao sair de sua cidade natal Lisboa, em Portugal, tendo em vista a valorização ao colonialismo local. Logo, Kilomba (2020) afirma que necessitava construir e também aprender uma nova linguagem, corroborando com o pensamento de Fanon (2008) em *Pele negra, máscaras brancas*, a linguagem constitui um instrumento de dominação para distinguir os selvagens dos civilizados, quanto mais próximo da cultura e dos costumes hegemônicos, mais branco e, portanto, mais humano será o sujeito negro, de modo que “a língua informa-nos constantemente de quem é normal e de quem é que pode representar a verdadeira condição humana” (KILOMBA, 2020, p. 11). O mesmo ocorre quando Lélia Gonzalez (1984), dialoga acerca do ‘pretoguês’ no Brasil, afirmando o processo epistêmico de aculturação da população negra. Neste sentido, os processos de construção da linguagem carregam consigo uma dimensão simbólica, capaz de alocar e reproduzir paradigmas de poder que determinam o lugar dos grupos sociais. Contudo, no início do livro, Kilomba (2020) problematiza alguns termos como *sujeito, objeto, outro/a, negro/a, subalterna*, afirmando a violência da língua portuguesa imbuída por expressões de poder racista e patriarcal, desse modo, a autora propõe uma reformulação de novas terminologias para uma maior acessibilidade e representatividade às mulheres negras e à comunidade LGBTQIA+.

Para a autora a escrita de *Memórias da Plantação* representou um momento de introspecção, pois significou transgredir a ordem normativa colonial que classifica os grupos negros como *Outros*. “Escrever este livro foi, de fato, uma forma de transformar, pois aqui eu não sou [...] o objeto” (KILOMBA, 2020, p. 19). Contrariando as hierarquias em sua escrita política, Kilomba não é a *Outra*, mas ela mesma, não é um objeto, mas a sujeita que escreve e descreve a sua história e de tantas mulheres negras. Nas próprias palavras da autora, ela afirma que “este livro é muito pessoal; escrevi-o para entender quem eu sou. E sinto-me profundamente feliz, grata, confesso até extasiada, quando penso nas tantas pessoas que finalmente o podem ler, numa língua (e linguagem) na qual se podem também entender e encontrar” (KILOMBA, 2020, p. 10).

Ao ler *Memórias da Plantação: episódios do racismo cotidiano*, a autora nos transporta para as histórias de Alicia e Kathleen (nomes fictícios), duas mulheres negras que relatam suas memórias pessoais em entrevistas realizadas pela autora, ambas as entrevistadas foram selecionadas pela autora não por critério de nacionalidade, mas porque eram negras e estavam vivendo em diáspora na Alemanha, assim como Kilomba. Além disso, como ela mesma coloca “a escolha na pesquisa de mulheres negras de idade e classe semelhantes às minhas torna possível gerar conhecimento a partir de relações de poder mais igualitárias entre pesquisadora e pesquisada” (KILOMBA, 2020, p. 56).

Entre os capítulos que seguem do 5º ao 13º, estão constados os depoimentos, juntamente com a análise crítica da autora acerca das situações de racismo que vivenciaram cotidianamente as duas depoentes da pesquisa citadas acima. Desse modo, o livro faz uma averiguação da atemporalidade do racismo e deixa bem explícito que é em pequenos detalhes do cotidiano, que muitas vezes passam despercebidos os resquícios do colonialismo, ainda que este regime escravista não esteja em vigência. Assim, a obra propõe para os leitores, a possibilidade de revisitar um passado colonial que ao mesmo tempo se sucede com o momento

presente, manifestando uma realidade de opressão que é corriqueiramente desconsiderada, “é um choque violento que de repente coloca o sujeito negro em uma cena colonial [...], como no cenário de uma plantação, ele é aprisionado como a/o ‘Outra/o’ subordinado e exótico”. [...] como se o sujeito negro estivesse naquele passado agonizante” (KILOMBA, 2020, p. 20).

São retratadas no livro questões referentes a ausência de pertencimento das sujeitas negras ao local de origem, evidenciando como o racismo é capaz de produzir uma alienação territorial, através da incompatibilidade de raça e nacionalidade, sendo criada uma exotização, como se mulheres negras não pudessem habitar um país de primeiro mundo, trata-se de uma circunstância que cria no imaginário branco uma estranheza de adequação, “uma pessoa é negra ou alemã, mas não negra e alemã; o ‘e’ é substituído por ‘ou’ tornando a negritude incompatível com a alemanidade” (KILOMBA, 2020, p. 75).

Essa diferença é percebida também, quando há uma referência central de beleza, um padrão a ser seguido, ou melhor, um consenso branco. E com esta perspectiva, Grada Kilomba explora a estética negra, destacando o quão racista é a invasão ao corpo negro, à medida que pessoas brancas tocam o cabelo de sujeitas negras e lançam o famigerado questionamento: *como você faz para lavar o seu cabelo?* e o fazem em um tom de espanto e admiração como se fosse algo muito surreal, como se fosse uma coisa de outro mundo. Carolina Maria de Jesus (2014), em sua brilhante obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, faz uma crítica em relação a isso, quando indaga o porquê que brancos consideram um cabelo afro como indisciplinado, se do jeito que arruma ele fica, não voa com o vento e não desliza (JESUS, 2014). Corroborando, Kilomba (2020) ressalta que este fato está relacionado à associação que fazem de mulheres negras com a selvageria e a sujeira, um imaginário racista que as condicionam até mesmo a uma condição animalesca, macacos, ovelhas, são alguns dos animais colocados no livro para exemplificar a desumanidade destas mulheres (JESUS, 2014; KILOMBA, 2020).

Chama a atenção a leitura do capítulo 7, pois particularmente expressa muita insanidade e perturbação, ou seja, racismo puro. É inescrupuloso imaginar uma cena, em que um homem branco retrata um assassinato de um homem negro pela Ku Klux Klan como um episódio hilário, a situação mostra um namorado branco, músico de jazz (estilo musical da cultura afro-americana), que conta uma piada veementemente racista, para uma mulher negra. Neste viés, Grada Kilomba (2020, p.92) reporta este fato violento ao Complexo de Édipo, ao colocar que “a piada [...] está conectada tanto com o desejo quanto com a inveja. O namorado, um músico branco de jazz, está simbolicamente matando o homem negro em frente a Kathleen. Por um lado, ele toca a música do homem negro, desejando-o”.

Logo, neste cenário metafórico houve um linchamento racista, o que deixa evidente o poder hegemônico de uma sociedade direcionada por valores genocidas do homem branco, um fato que interfere diretamente em uma negação identitária, em que pessoas negras procuram ao máximo se *embranquecer* como estratégia de fuga às opressões do racismo e até mesmo da morte, considerando que no Brasil, a chance de uma pessoa negra ser assassinada é 2,6 vezes maior do que a de uma pessoa não negra (CERQUEIRA *et al*, 2021). “É uma associação poderosa, isto é, a conexão entre o racismo e a morte, já que o racismo pode efetivamente ser retratado como o assassinato racista do eu” (KILOMBA, 2020, p. 124).

É pertinente ressaltar também a maneira como Grada Kilomba (2020) desconstrói o paradigma patriarcal na obra de Fanon (2008), autor que é base para seus escritos, afirmando

a forma como ele comete um epistemicídio acerca das mulheres negras, tendo em vista que em nenhum momento é referida a categoria mulher em seu livro *Pele Negra, máscaras brancas*, pois sempre é colocado o termo homem para remeter-se à homem negro e ser humano, o que provoca a inexistência de mulheres negras. Portanto, quando Fanon (2008) afirma que o sujeito negro não possui resistência ontológica perante o branco, onde está situada a ontologia das mulheres negras? “O uso do masculino genérico para designar humanidade reduz automaticamente a existência de mulheres à não existência” (KILOMBA, 2020, p. 73). Diante disso, a autora faz uma inversão à epistemologia usada por Fanon (2008), afirmando que no seu livro é dada a ênfase para o feminino, promovendo uma relevância teórica que concede vida e voz para a raça e para o gênero, reforçando com isso, a importância de estudos de e com mulheres negras, o que agrega um grande valor representativo para o público leitor (KILOMBA, 2020).

Ademais, é significativo destacar a crítica que Grada Kilomba (2020) faz à norma culta que muito oculta o acesso ao conhecimento devido às bases coloniais acadêmicas, a autora relata ainda as dificuldades que passou quando foi alvo de racismo institucional, por parte do departamento universitário durante o processo de seleção para o doutorado na Alemanha. Desse modo, podemos ver em *Memórias da Plantação: episódios do racismo cotidiano*, uma desconstrução da linguagem proposta pela autora, que objetiva a descolonização do saber, sobretudo, o científico, para a afirmação de uma ancestralidade negra das mulheres neste campo. Logo, tomando por base as influências do engajamento pedagógico de bell hooks (2013), Kilomba (2020) contraria as normativas academicistas tradicionais que a neutralizam enquanto sujeita da pesquisa, e desse modo, ela consegue construir a sua própria narrativa literária. Em primeira pessoa, a autora escreve a partir de sua realidade, que está situada nas margens, não fazendo uso de um padrão erudito e branco, como uma intelectual negra, nomeia-se e traz o seu lugar de fala em sua escrita, pois acredita que a dialética é tão politizada quanto subjetiva, e também poética.

Sem dúvidas, ler *Memórias da Plantação: episódios do racismo cotidiano* de Grada Kilomba (2020) é se encontrar através de narrativas que trazem uma representatividade negra de forma descolonizada, acessível e muito real acerca do racismo e do sexismo. O modo como a autora performa as particularidades de ser uma mulher negra, expõe de forma interseccional, os impactos da sobreposição dos eixos de opressão de raça, gênero e classe, bem como trabalha a desmistificação da condição de objeto, afirmando que mulheres negras são na verdade, sujeitas. A obra por ser muito realista, é também muito necessária, pois realiza provocações que a colonialidade moderna não quer enxergar, logo, Kilomba (2020) faz um dismantelo à casa grande, escancarando a violência racista e sexista atuais.

Referências Bibliográficas

CERQUEIRA, Daniel. *et al. Atlas da Violência – 2021*. Rio de Janeiro: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 2021.

FANON, Frantz. **Pele Negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na cultura brasileira. In: **IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais**. 4, 1984, Rio de Janeiro, ANPOCS. Temas e Problemas da População Negra no Brasil. Rio de Janeiro: Ciências Sociais Hoje/ANPOCS, 1984, p. 223- 244.

hooks, bell. Pedagogia engajada. In: **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

OLIVEIRA, Joana. **Grada Kilomba: “o colonialismo é a política do medo. É criar corpos desviantes e dizer que nós temos que nos defender deles”**. Disponível em: [Grada Kilomba: “O colonialismo é a política do medo. É criar corpos desviantes e dizer que nós temos que nos defender deles” \(geledes.org.br\) 2019](#). Acesso em 18 de jan. de 2022.